

Coimbra Conselho Europeu atribui bolsa de estudo por um período de cinco anos a Miguel Cardina. Jovem cientista português foi eleito entre três mil candidaturas

Bolsa de 1,4 milhões para estudar memória da guerra

Helena Teixeira da Silva

helenasilva@jn.pt

► O Conselho Europeu de Investigação atribuiu uma bolsa no valor de 1,4 milhões de euros ao cientista Miguel Cardina para estudar a evolução da memória da guerra colonial e da libertação. O investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) de Coimbra foi escolhido entre três mil candidaturas. O projeto terá a duração de cinco anos e será realizado em Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe por uma equipa de seis pessoas.

A ideia, afirma o cientista de 38 anos ao JN, é dar continuidade a uma análise sobre a qual já se debruçou há dois anos, no âmbito da Fundação para a Ciência e Tecnologia, ainda que apenas em território português.

A hipótese continua a ser a mesma, embora as conclusões, antecipadamente, possam ser diferentes em cada território. "Parto da hipótese de que a memória tem sofrido uma evolução de acordo com a representação que é feita da própria guerra, nomeadamente através daquilo que designamos como política do silêncio. Ou seja, aquilo que vamos omitindo, esquecendo ou lembrando de forma seletiva". O objetivo é perceber "como a guerra foi inscrita e através de que instâncias". O trabalho foi batizado "Memórias cruza-



Cientista Miguel Cardina, 38 anos, vence pela terceira vez prémio de investigação

das, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais".

A bolsa "Starting Grant" do Conselho Europeu de Investigação é dedicada a alunos que concluíram o doutoramento há menos de sete anos. É o caso de Miguel Cardina, atualmente vice-presidente do conselho científico do CES, cuja tese, intitulada "Margem de Certa Maneira. O maoísmo em Portugal: 1964-1974", ganhou o prémio Victor de Sá de História Contemporânea. Venceu também o prémio CES para Iovens Cientistas.

Neste caso, o investigador teve que passar por duas fases de seleção:

apresentação teórica primeiro, e entrevista depois, em junho deste ano, em Bruxelas. A partir de agora, diz, "só falta ir para o terreno". Cada investigador ficará com um domínio concreto, mas Cardina viajará por todos os países.

Nos primeiros três anos será desenvolvida a teoria e a metodologia. Posteriormente, os investigadores irão compilar informação resultante de manuais escolares, discursos políticos feitos ao longo dos últimos 40 anos, monumentos, notícias e entrevistas a antigos combatentes das diferentes forças. As conclusões só começarão a ser libertadas no último ano de estudo. ●